

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

Alexandra Rodrigues de Souza – Universidade Tuiuti do Paraná
alexandarodrigues6@hotmail.com

Everton Moraes – Unespar
moraeseverton@gmail.com

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

RESUMO

O presente artigo pretende analisar como se desenvolveu a construção da identidade paranaense a partir da identificação com os elementos naturais, principalmente a Araucária, transformando-a como um símbolo do Paraná e conseqüentemente uma representação do paranaense. Sendo essa construção forjada pelo movimento paranista como modo de consolidar uma identidade paranaense.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade, Imaginário, Paranismo.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

INTRODUÇÃO

É possível perceber, tanto no discurso oficial como nas práticas cotidianas de boa parte da população, uma identificação dos paranaenses com certos elementos da paisagem natural da região, sobretudo no caso curitibano, em que a tentativa de articular uma construção identitária a partir destes elementos parece ser ainda mais enfática. Ainda que de forma não muito explícita, persiste uma associação em relação a alguns ícones entendidos como símbolos do Paraná, o pinheiro sendo o exemplo mais evocado entre eles.

Para a compreensão dessa construção será utilizada uma imagem encontrada na revista *Ilustração Paranaense: Mensário Paranista de Arte e Actualidades*¹, que traz um poema de Romário Martins intitulado *Bom dia Paraná!* que, “antecipando” a poética concretista², o qual se desenvolve formando um pinhão, fruto da *Araucária* espécie de pinheiro típico da região. Essa mesma árvore foi utilizada pelo movimento paranista no início do XX como um dos símbolos de identidade.

O Movimento Paranista, surgiu a partir do intelectual Romário Martins³ que foi um dos responsáveis pela construção e afirmação de tal identidade, tendo a necessidade de consolidar as delimitações da região do Paraná em relação a São Paulo e Santa Catarina e a busca pela história paranaense com o objetivo de desenvolver uma noção de estado a partir do pertencimento a terra, portanto há uma grande importância em relação à geografia regional. Como diz Romário Martins,

[...] Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, (...) educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore. (PEREIRA,1996, 82)

¹ Página 7 da edição nº 1 de dezembro do ano de 1927.

² A Poesia Concreta é o principal elemento do movimento que ficou conhecido como Concretismo. Este foi um movimento liderado pelos poetas Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos que, a partir de finais da década de 1940, defenderam uma poesia experimental, contra a o verso e a poesia de comunicação. Tinham por objetivo fazer a sua poesia dialogar com a velocidade do crescimento da civilização industrial e tecnológica.

³ Intelectual natural da cidade de Curitiba, nascido em 1874, foi o precursor dos paranistas, desenvolveu seu conhecimento através dos estudos, leituras, pesquisas e debates com demais intelectuais de seu tempo.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

Nessas palavras de Martins, nota-se que os paranistas estavam preocupados em ressaltar aqueles sujeitos que contribuíram para a construção e desenvolvimento da região das mais distintas maneiras. Tal preocupação estaria ligada ao sentimento de pertencimento. A partir desse ideal de reconhecimento e afeto pelo Paraná, é criada por João Baptista Groff⁴ e Romário Martins a revista *Ilustração Paranaense: Mensário Paranista de Arte e Actualidade*, que permaneceu em circulação de 1927 a 1930 tendo como objetivo promover esse discurso para que a população adquirisse familiaridade com a simbologia da região ali proposta.

A revista trazia em seu conteúdo, de modo geral, textos e reportagens pautados por um desejo de crescimento e modernização da cidade, principalmente da capital. Os seus editores estavam preocupados em retratar os grandes eventos, além de demonstrar a beleza natural do litoral e o processo de urbanização como símbolo de modernidade (SALTURI, 2003).

Na edição em que foi encontrada a imagem que será analisada, a segunda lançada, o foco volta-se mais para a o relato dos grandes eventos, do desenvolvimento das fabricas, especialmente as automotivas, a propaganda de restaurantes e bares na Rua XV, além de reportagens sobre os parques como lugares de lazer para as famílias curitibanas.

Esse idealismo pautado no desenvolvimento econômico e social foi produto do entusiasmo com os sucessos na exploração do mate e da modernização das cidades e estava envolto num contexto de exaltação da modernidade característico do imaginário da Primeira República. Esse trabalho terá o objetivo de estudar a construção da identidade regional a partir da identificação paisagística e geográfica desenvolvida ao decorrer do movimento paranista, sendo dividido em duas partes: em primeiro lugar a necessidade da construção de uma identidade regional na Primeira República e num segundo momento, a construção da identidade paranaense por meio da revista.

⁴ Foi o primeiro na área de fotografia e cinema no estado do Paraná, registrando importantes momentos, durante a década de 1920 e o Paraná nos primeiros anos da ditadura Vargas.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

A IDENTIDADE NACIONAL NA I REPÚBLICA DURANTE MEADOS DO SÉCULO XX

Neste trabalho não cabe analisar todo o processo da formação de uma identidade nacional na Primeira República, mas sim como este se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX, contexto em que estava inserida a revista *Ilustração Paranaense* e seus adeptos e conseqüentemente a construção da identidade regional.

Após a proclamação da República a população brasileira encontrava-se em um cenário de desamparo, em que não havia uma concepção comum de pertencimento ao país, ou até mesmo uma tentativa, levada a cabo pelas autoridades, de adaptação ao novo regime, de modo que permanecia sem compreender os novos modos de governo a que estavam sendo submetidos.

Com isso, parte dos intelectuais sentiram a necessidade de desenvolver símbolos e práticas para consolidar um a ideia de um caráter nacional e torná-lo comum a todos. Ao mesmo tempo intelectuais ligados as regiões também buscavam pensar suas próprias identidades locais, de modo a enfatizar as características próprias de sua região e delimitar seus territórios físicos e simbólicos.

O Brasil da República estava mergulhado em distintas correntes ideológicas que disputavam a proeminência em relação as ideias que orientariam a formação da nova identidade da nação, entre elas o anarquismo, comunismo, positivismo e capitalismo, modos de pensamento que emergem a partir da onda de modernização que se instalava no mundo inteiro.

O imaginário⁵ social presente neste período entre as elites estava marcado pela ideia positivista de “Ordem e Progresso”, aliada a uma exaltação do trabalho como valor fundamental da conquista da modernidade e da civilidade. O moderno estava associado ao crescimento e desenvolvimento, ao progresso, de modo que a industrialização tinha papel fundamental na demonstração desse caráter de modernidade e civilização nos grandes meios urbanos.

⁵ Em linhas gerais, imaginário seria a representação que cada grupo atribui à determinada imagem, em que essa imagem seria o real presente no cotidiano dessas pessoas. Em outras palavras e de modo mais simples, seria a compreensão de mundo que cada grupo social teria do momento que vive, atribuindo a eles seus valores.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

Porém, cada região estava se adaptando e reagindo de diferentes maneiras aos novos traços nacionais, as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, as maiores e mais influentes cidades do país, responderam de maneiras completamente distintas frente às mudanças.

De um lado temos um Rio de Janeiro, cidade na qual emerge uma cultura do deboche em relação às novas formas de governo, de modo que percebemos o caráter mais “comunitário” daquela sociedade, em que a república e a lei eram entendidos mais como instâncias formais de poder do que como um conjunto de instituições capaz de agir sobre realidade concretas, sem que houvesse uma representatividade efetiva.

O Estado parece como algo a que se recorre como algo necessário e útil, mas que permanece fora do controle, externo ao cidadão. Ele não é visto como produto de concerto político, pelo menos não de um concerto em que se incluía a população. É uma visão antes de súdito que de cidadão, de quem se coloca como objeto da ação do Estado e não de quem se julga no direito de influenciar. (CARVALHO, 1987, 147)

De acordo com essa afirmação de José Murilo de Carvalho, podemos notar que a formação da identidade regional do Rio estava completamente distante do “moderno” idealizado pelos intelectuais republicanos, já que um dos principais pontos dessa almejada modernidade seria a participação das pessoas frente ao Estado, isto é, a cidadania.

Tal cultura do deboche, do distanciamento em relação aos formalismos, aliás, pode ser pensada como elemento que persiste no Rio de Janeiro atual, na utilização constante e cotidiana do sarcasmo como instrumento de crítica política, por exemplo. Carvalho nomeia essa cultura como carnavalização:

O que marcava, e marca, o Rio é antes a carnavalização do poder como, de resto, de outras relações sociais. Poucos meses após a Revolta da vacina, ela já era objeto de celebração carnavalesca [...]. (CARVALHO, 1987, 157)

Para muitos dos intelectuais da época, como Aristides Lobo, o carnaval, festa da desordem e da irracionalidade, tornava as pessoas mais “ignorantes e imbecis” e revelava sua incapacidade “de

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

pensar e de sentir”. No entanto, ele pode ser pensado também como um momento em que todos que participam da festa se colocam como iguais, ou seja, não contestando, ainda que provisoriamente, as divisões sociais. Cria-se então um espaço-tempo privilegiado para a expressão dos descontentamentos populares.

Deste modo, podemos perceber a construção da identidade regional do Rio de Janeiro, que é tida como a cidade do samba, a cidade das belas mulatas que desfilam com as suas escolas ou, em outros momentos, como a cidade da desordem. Porém, todas essas representações estão fundamentadas na ideia de que a construção da identidade da cidade falhou em seguir adequadamente os modelos europeus e acabou criando sua própria imagem a partir dos laços internos com seu povo.

Coisa completamente diferente aconteceu na cidade de São Paulo, cujos discursos identitários se voltaram para a valorização do desenvolvimento urbano seguindo o modelo de ordem e progresso, buscando abranger os mais distintos grupos que ali estavam presentes.

Neste contexto do pós Primeira Guerra, as idealizações dos jovens vinham com força para confrontar os pensamentos antigos. Portanto, havia uma necessidade de romper com o passado e assim seguir os novos modelos modernos das grandes cidades, de modo a promover a movimentação dos meios urbanos, os transformando em verdadeiras máquinas nas quais cada um deveria ter um papel a ser desempenhado.

Porém, nem todos adaptaram-se tão facilmente a essa. confusas contradições e a confusão diante das transformações ocorridas no país nos últimos anos não eram menores em São Paulo. Porém, mesmo inseridos neste contexto de “crises de identidades”, os discursos oficiais não deixaram de tentar articular uma identidade paulista.

De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos, e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa. (SEVCENKO,1992,31)

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

Sevcenko aponta para o caráter múltiplo da população que habitava a cidade, bem como para as dificuldades de agregar toda esta multiplicidade para criar uma identidade comum a todos, e desenvolver um sentimento de pertencimento. É importante destacar que São Paulo neste período, assim como a América de um modo geral, era vista como um lugar de recomeço propício para o desenvolvimento, já que a Europa estava devastada por causa da guerra. Sendo assim, essa figura de “cidade prometida” que muitos estrangeiros viam em São Paulo, foi a característica essencial para a construção de sua identidade:

Verifica-se, pois, o início de uma tomada de consciência tanto de um sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade. Cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro. [...] de modo que, ou esses observadores o viam daqui refletindo as metrópoles europeias e americanas [...].(SEVCENKO, 1992, 37)

Ao intitulá-la como “espelho do futuro” Sevcenko mostra que São Paulo era vista neste período, como uma cidade promissora, diferente de cidades como o Rio, ela estaria pronta a absorver toda essa onda moderna a qual estava sendo submetida e ser o lugar de um verdadeiro recomeço, um modelo dos povos mais “civilizados” e capaz de apresentar toda a modernidade contemporânea.

Por fim, para terminarmos de contextualizar o cenário nacional nos anos iniciais da Primeira República, apontaremos brevemente a Guerra do Contestado, que esteve presente entre os movimentos messiânicos que ocorreram em algumas regiões brasileiras e auxiliaram na formação das identidades regionais marcando o imaginário social.

Os processos messiânicos que ocorreram no final do século XIX e início do XX estavam atravessados tanto por questões religiosas como por demandas políticas. Trata-se de acontecimentos em que a comunidade religiosa acaba suprindo demandas políticas das quais as estruturas estatais não davam conta.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

[...] uma base comum de sentido para os movimentos de transformação ou de reorganização social que se expressaram através de expectativas messiânicas. No caso dos movimentos rústicos brasileiros⁶, esse processo teria sido deflagrado pela anomia –ausência de leis, normas ou regras de organização- [...] (HERMANN, 2006, 126)

Deste modo compreendemos a participação de várias lideranças religiosas, na formação dessas populações, como no caso do Contestado, em que o monge José Maria liderou “um verdadeiro movimento religioso na área litigiosa que separava do Paraná e Santa Catarina” (HERMANN, 2006, 150), de modo a influenciar na divisão dessas duas regiões e consequentemente interferindo delimitação regional.

Não pretendemos explicar todo o processo da Guerra do Contestado, coisa que escaparia ao escopo deste artigo, mas compreender essa separação e disputa entre Paraná e Santa Catarina foi responsável pela necessidade de criar uma identidade que caracterizasse sua região, pois para o Paraná a “perda de parcela de seu território para Santa Catarina pós contestado” (PEREIRA, 1996, 78) suscitaria a necessidade de construção de uma identidade que desse conta de suplantar a crise instaurada.

Desse modo entraremos no movimento paranista que, entre outras coisas, contribuiu para a construção da identidade paranaense a partir da identificação com a geografia local, buscando ajudar a delimitar as fronteiras da região e despertar um sentimento de pertencimento.

A CONSTRUÇÃO DO PARANÁ DAS ARAUCÁRIAS

Os canoieiros do Paranapanema quando por fim de longos dias de plena barra avistam as águas do Rio Mar, erguem-se altivos no lenho trepidante, num impulso de admiração pela

⁶ Segundo a análise de Jacqueline Hermann em seu texto *Religião e Política no alvorecer da república*, movimentos messiânicos rústicos seria como a “população rústica vivia de acordo com a “cultura rústica”: “universo das culturas tradicionais do homem do campo” [...]”, ou seja, uma sociedade que contem características distintas daquelas mantidas nas cidades.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

immensidade, e se descobrem e alçam os remos triunfadores, saudando: –“Bom dia, Paraná!”. (MARTINS, 1927)

Assim Romário Marins começa seu poema, publicado na edição da revista *Ilustração Paranaense* para comemorar e relembrar os 74 anos de autonomia do Paraná em relação a São Paulo, sendo possível notar em sua escrita a necessidade de demonstrar a glória e orgulho da superação paranaense.

Antes de analisar o conteúdo presente no poema⁷ percebemos que o autor já demonstra sua intenção no design da formatação do texto na escolha de desenvolver sua escrita em uma estrutura de um estilo poético que antecipa aquele do poema concreto. Martins faz a forma do poema coincidir com o conteúdo do poema ao compô-lo no formato de um pinhão. A escolha do fruto das Araucárias pode conter dois possíveis significados, sendo um modo de simbolizar que este representaria o começo do desenvolvimento paranaense, referenciando esse começo pós-emancipação, qual teria grandes frutos para o crescimento do Paraná, já que o autor aponta para essa prosperidade ao decorrer do poema, qual será analisado posteriormente.

Ou em uma segunda interpretação, a escolha corresponderia a uma representação voltada para a articulação de símbolos fundamentais pelo movimento paranista como forma de criar uma desenvolver um sentimento de pertencimento a terra. Mais do que apenas comunicar uma mensagem verbal ao leitor da revista, Martins buscava, desse modo, evocar as potências da arte para transmitir intensidades, fazer com que o seu leitor se identificasse sentimentalmente com a ideologia ali expressa. Ao transfigurar um texto em pinhão, mostra para o leitor a potência organizadora da criação artística e, com isso, convida o leitor a se organizar, ele também, em torno aos símbolos representativos da identidade paranaense e incorporá-los em sua própria existência.

A busca pela criação de uma identidade a partir de elementos ligados a paisagem é uma característica própria daquele momento histórico específico. Falando da constituição de identidades

⁷ Ver anexo com a imagem do poema de Romário Martins.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

e visibilidades no Nordeste, Durval Muniz de Albuquerque Jr. Nos lembra que “a paisagem não é pura natureza, [...] repouso para os sentidos, [...] é um conceito através do qual o homem dá sentido de conjunto a toda dispersão, ao caos de elementos naturais que estão a sua volta” (ALBUQUERQUE JR, 2008, 204)

As paisagens são construções do olhar humano, sempre orientado por valores, costumes, concepções políticas, ética e estéticas, interesses econômicos e sociais, e são ditas a partir de conceitos, metáforas, tropos linguísticos, palavras que pertencem a uma dada trama histórica, a uma dada temporalidade, a lugares de sujeito, a lugares sociais. (ALBUQUERQUE JR, 2008, 205)

Com esse conceito de paisagem em mente, podemos compreender que a paisagem imaginada por Martins na linha de visualidade proposta pelo movimento paranista, do qual é um dos fundadores. Observa-se que no poema está contida toda a idealização positivista pautada na ideia de progresso, em que há inúmeras referências a paisagem para demonstrar a

imensidade de possibilidades sem conta, nas águas oceânicas dos nossos rios e nas forças dilúvias das nossas cataractas sem rivaes no mundo todo. (MARTINS, 1927)

Nesse trecho está exposta nitidamente a exuberância que Martins atribui à paisagem regional, exaltando-a de modo a colocá-la como “sem rivaes no mundo todo” e afirma-la como lugar, não apenas propício, mas também predestinado ao sucesso e ao progresso. É necessário reforçar que o movimento paranista estava inserido em um contexto em que o determinismo geográfico⁸ estava em voga. Sendo assim, havia uma preocupação em relação à geografia como determinante do modo de vida da sociedade e como meio de delimitar a região.

A simples exploração dos fundamentos já observados e admitidos por essa nova ciência, dividiu as regiões geográficas pelas possibilidades que elas concedem ou negam aos seus

⁸ A concepção de determinismo geográfico e geografia política deram-se através do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, em que de modo geral, apontava o desenvolvimento do estado a partir do espaço e posição geográfica, qual iria modificar-se ao decorrer de suas perdas e conquistas. Ou seja, a geografia iria influenciar no desenvolvimento da população.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

habitantes. Em síntese: o trabalho humano é um contrato com a terra. (MARTINS, 1995, 5)

O trabalho humano é afirmado por Martins, em consonância com boa parte das correntes de pensamento da época, como uma espécie de “contrato com a terra”. Evoca-se, desse modo, a já tradicional metáfora da união entre o homem e a terra como signo da potência criativa humana. Se paranaense descrito, sobretudo, como trabalhador, como criador dotado de uma “imensidade de possibilidades”, estas seriam favorecidas pela pluralidade geográfica da região. Dessa pluralidade geográfica, ele passa para a diversidade humana ao abordar a questão da migração presente no Paraná⁹, associando essa pluralidade de povos à diversidade paisagística:

“Bom dia, Paraná!” representado pelas terras de todas as espécies de cultura, a terra das mais variadas altitudes, desde as comiadas de três planaltos onde esbarram as nuvens do céu [...]. (MARTINS, 1927)

Ao citar “todas as espécies de cultura”, podemos interpretar como uma metáfora referindo-se as culturas presentes na região e relacionando com a grandiosidade da floresta paranaense, de modo que essa representação fortifique uma familiaridade com a terra, tentando atingir todos presentes na região, já que o intuito paranista seria unir todos aqueles que teriam afeto e se identificavam com o local.

A escrita de Romário Martins coloca o Paraná como sendo a terra prometida ao se referir a ela como, “[...] terra portentosa que nos queremos, menos por ser nossa querida terra, mas por ser a mais bella, a mais rica [...], aquela em que Creador primou na sua obra e resumio todas as outras [...]”(MARTINS, 1927), nessas palavras podemos notar que o autor escreve o poema voltado para o leitor, na terceira pessoa, para que aquele que esteja lendo se identifique voluntariamente ou inconscientemente.

⁹“Ao todo apenas 407 colonos agricultores, de origens diversas das que construíram as nossas populações fundamentais” MARTINS, 1995, P- 350.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

É nessa linha que o movimento paranista desenvolveu a identidade regional paranaense, no plano do imaginário¹⁰, em que atribuirá todo o processo de crescimento e desenvolvimento regional a grandiosidade e pluralidade da paisagem, de modo a gerar um sentimento de pertencimento a terra.

Para tal era preciso inventar as tradições. Este é um dos pontos positivos dos debates com Santa Catarina pela parcela territorial perdida pelos paranaenses; estes, para justificar a sua posse tiveram que se debruçar com vigor sobre a história regional. Era preciso criar a identidade paranaense. (PEREIRA, 1996, 78)

Portanto, com esse objetivo criou-se um mito de uma identidade e característica regional, utilizando-se de elementos paisagísticos típicos como símbolos fundamentais dos povos que ali viviam, de modo a atribuírem ao Pinheiro um sentido de identificação com aqueles que sentem de fato como paranaenses.

Estes intelectuais aproveitaram-se do que julgavam ser momento de “instabilidade”, que não havia de fato uma identificação, para articular os elementos de uma identidade que já estaria configurada na natureza da região. É evidente, no entanto, que essa identidade não foi simplesmente recolhida no espaço natural, mas cuidadosamente elaborada a partir de textos e imagens que pretendiam articular sensibilidades. Dessa forma, esses intelectuais dedicaram-se a criação de uma história, pois era necessário criar o paranaense (PEREIRA, 1996, 78), sendo responsáveis por forjarem uma identidade cultural deixando marcado no imaginário social um tipo ideal de paranaense. (ALBUQUERQUE JR, 2008)

Sendo assim, a consolidação dessa identidade foi desempenhada a partir do processo de repetições simbólicas, para que inconscientemente ficassem marcados como traços naturais da po-

¹⁰ Aqui a conotação do imaginário está inserida no processo de manipulação e forjamento de uma história, para que desenvolva um sentimento de pertencimento englobando todos. Como afirma José Murilo de Carvalho, “A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidade coletiva.”

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

pulação. Podemos observar que no poema de Romário Martins há uma necessidade do autor em repetir em cada estrofe a exuberância da paisagem e associa-la a esse desenvolvimento progressista da região, bem como de criar um laço de afetividade com a terra.

E de joelhos em terra e braços levantados para o céu de puríssimo azul que se confunde com as nossas montanhas de saphyras rutilantes [...] (MARTINS, 1927)

Martins poetiza a paisagem paranaense como quem descreve uma pintura naturalista. As cores, luzes e a composição deveriam transmitir um ideal de harmonia, de continuidade visual. Assim, estavam excluídos dessa imagem idealizada do paraná todos os elementos que não correspondiam com essa visão harmônica da região: contradições sociais, conflitos, disputas de poder, sujeitos não correspondentes ao modelo do paranaense trabalhador criado pelo poema. Nota-se que Martins também apela para o lado romântico, de modo a tentar atingir o seu leitor com uma escrita que demonstra o próprio sentimento do autor, que não tenta em nenhum momento ser imparcial mas, ao contrário, se revelar afetada pela realidade que descreve, buscando suscitar em seu leitor a sensação de envolvimento, como podemos perceber no fim de seu poema:

E com lagrimas nos olhos e um grande amor no coração, repitamos todos a saudação dos canoieiros do Paranapanema, quando por fim de longos dias de plena barra avistam as águas do Rio Mar, como nós de agora já avistamos a radiosa immensidade do nosso futuro: - “Bom dia Paraná!” (MARTINS, 1927)

Enfim, trata-se de uma tentativa “sofisticada” de mobilizar seus leitores a desenvolverem um afeto, um sentimento de “amor a terra”, deslocando o olhar destes para uma natureza que, no mais das vezes, passaria despercebida. Está em jogo, para Martins, forjar um mito que escolhe como momento fundante a chegada dos heróis, os “canoieiros do Paranapanema” que “lutaram” pela autonomia da região e saudaram a “terra querida” que honravam por dela fazer parte.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

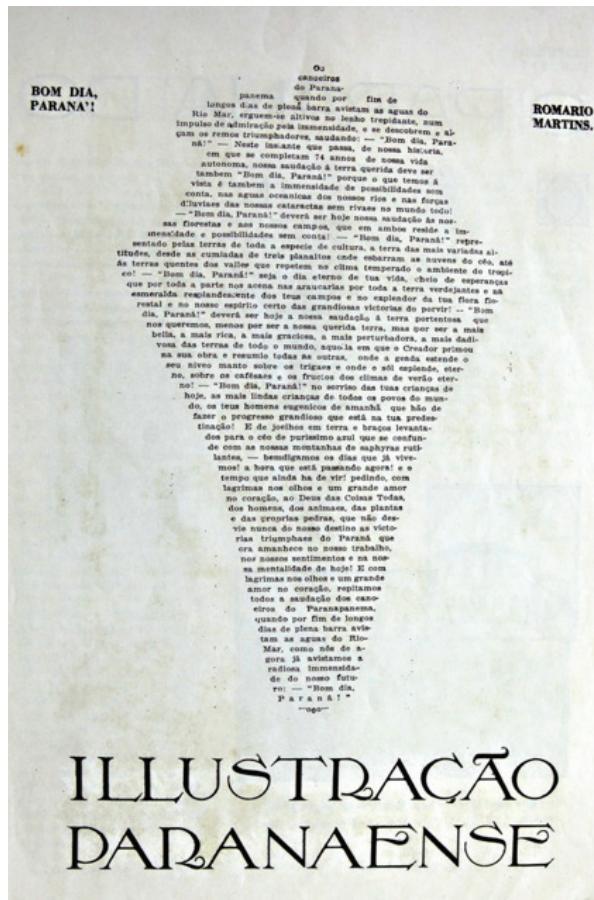
O que se pretendeu, neste trabalho, foi analisar brevemente a construção da identidade paranaense a partir do imaginário paisagístico do movimento paranista, mais especificamente em um poema de Romário Martins, um dos fundadores do grupo, que apresentava muitas das características da estética paranista. Este movimento, que esteve presente nas primeiras décadas do século XX, mobilizou uma série de intelectuais envolvidos nesse movimento que objetivou forjar uma história paranaense.

Contudo, essa identidade forjada por Romário Martins e os adeptos do paranismo, que deveria mobilizar as sensibilidades paranaenses, só obteve um sucesso parcial. Como ocorre com qualquer mobilização identitária, o desejo paranista de que os sujeitos se identificassem amplamente de fato com os elementos que o seu discurso trazia à tona era utópico. Essa identificação paisagística encontrou mais ressonância no Primeiro e Segundo Planalto paranaense, principalmente em Curitiba, que foi a base desse movimento e, sendo assim, a mais influenciada em que até os dias de hoje em suas ruas é possível encontrarmos resquícios dessa construção.

Ao analisarmos a história do movimento paranista e as ideias defendidas por Romário Martins, percebemos que se trata de uma história de viés positivista, imbuída dos ideais teleológicos de ordem e progresso, que afirma a ideia de um “Paraná dos imigrantes”, que deixa de fora a participação dos grupos indígenas, dos negros e dos marginalizados de toda ordem.

Podemos constatar, portanto, repetindo as palavras de José Murilo de Carvalho, que “*o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, [...], mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. [...]*”, e foi desta forma que Romário Martins e o movimento paranista tentaram mobilizar todo um aparato simbólico para dar sentido a uma identidade paranaense, de modo a induzir um sentimento de pertencimento a terra por meio de uma identificação com a paisagem típica da região. Uma construção que foi exposta de forma tão repetitiva que acabou impregnando, se não o sentimento dos paranaenses, ao menos os discursos e as imagens oficiais sobre o Paraná.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.



Anexo: Poema de Romário Martins para a revista ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE: Mensario Paranista de Arte e Actualidades. Edição nº 1 dez/1927.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. de. Nordeste: uma paisagem que dói nos olhos e nas mentes. In: *Nos destinos de fronteiras: história, espaço e identidade regional*. Recife. Bagaço, 2008.
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- CARVALHO, José Murilo. *A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo. Bestializados ou Bitolados. In.: *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da república: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In.: FERREIRA, Jaq(org). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. 2ed. RJ: Civilização Brasileira; 2006.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Editora Paz e Terra S.A. São Paulo, 2008.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: Cultura e imaginário no Paraná da I República*. III. O Movimento Paranista UFPR. Curitiba, 1996.
- Revista ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE: Mensario Paranista de Arte e Actualidade. Edição nº1 dez/1927. Curitiba.
- SALTURI, Luis Afonso. *Paranismo, movimento do sul do Brasil no início do século XX*. Periferia. Dezembro, 2003.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE A PARTIR DO IMAGINÁRIO PAISAGÍSTICO PARANISTA.

SEVCENKO, Nicolau. Carnaval na Babilônia. In.: *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Editora Contexto; 2009.

SITES

Artigo de ARCASSA, Wesley de Souza, “FRIEDRICH RATZEL: A IMPORTÂNCIA DE UM CLÁSSICO”. Encontrado no site, acessado no dia 02/06/2018. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/download/31840/22924>

Biblioteca Puc RS. Acesso 02/06/2018 às 14h29. Disponível em: <<http://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-e-poesia-concreta/>>.